## ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

papel-arroz, 1966, de Mira Schendel



'Droguinhas' e um trenzinho: a metafísica de Mira Schendel

das mais importantes artistas brasileiras da atualidade. Mira, que reside em São
Paulo, é sabidamente uma
artista intelectualizada, formada em Filosofia e com
preocupações metafísicas.
Sua especulação estética
tem girado em torno do espaço (valendo como silêncio ou vazio) e do puro signo
lingüístico. Estas especulações encontram no branco
(do papel, da galeria) seu (do papel, da galería) seu suporte e veículo.

175

paço fica nitida a partir da montagem desta sua expo-sição carioca. Aliás, já faz sição carioca. Aliás, já faz parte do folclore artistico brasileiro, o "sofrimento" de Mira para montar suas

Atenção: a exposição de Mira Schendel na Galeria Thomas Cohn de Arte Contemporânea, termina sábado. Deve ser vista obrigatoriamente, pois Mira é uma das mais importantes artistas brasileiras da atualidade. Mira, que reside em São Paulo, é sabidamente uma artista intelectualizada, formada em Filosofía e com preocupações metafísicas. Sua especulação estética tem girado em torno do espaço (valendo como silêncio ou vazio) e do puro signo lingúistico. Estas especulações encontram no branco (de panel da galeria) sau expesições. Passa noites indormidas pensando no melhor lugar para colocar um desenho. Porém, no meu entender, na montagem atual ocorreram dois prevo Seu Trenzinhor", um varal que sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. E muito pesado e desa leitado para uma hora tão leve e sutil. E também deveriam estar afastadas do recinto da exposições. Passa noites indormidas pensando no meu entender, na montagem atual ocorreram dois provenção seu sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. E muito para de sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. E muito para de sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. E muito para de sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. E muito para de sustenta folhas brancas de papel-arroz, não poderia estar, como está, preso naquele cavalete negro. E muito para de sustenta folhas de p ras, perturbam o ambiente, que deveria ser absoluta-mente silencioso e branco. Aquelas folhas brancas no varal são como que emanações puras de uma energia primordial, uma espécie de excitação metafísica, algo ainda sem peso ou substân-cia, puro tempo, puro espa-

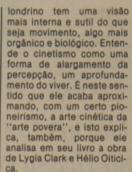
Rede jogada no vazio

aparecem penduradas por fios de *nylon* são uma continuação deste varal metafísico. Construidas tam-bém com papel, que se enrosca como panos ou cipó, constituem um emaranhado de nós, que não tem principio nem fim. Como o Universo. São, também, pura trama, um continuum espaço-temporal. Uma rede locada no vario para colber. jogađa no vazio, para colher o Nada

Essas duas peças já fo-ram apresentadas, em 1966, no Museu de Arte Moderna no Museu de Arte Moderna do Rio e, naquela ocasião, foram postas no chão, dadas à participação do público. Posso imaginar que as pessoas nunca encontravam o fio da meada — o fio da vida. Porém, mesmo sem ter vieto a mostra do MAM ter visto a mostra do MAM, penso que assim como es-tão, agora, ficam melhor. A obra de Mira sugere mais a contemplação quieta e si-lenciosa, que a agitação sensorial e participante. O "Trenzinho" e as duas "Droguinhas" ilustram o li-

que se move externamente por meio mecânico. "Bus-car só o movimento é car so o movimento e comportar-se academica-mente", diz, sem, contudo, definir o cinetismo. Mas é fácil perceber que o crítico

vro do crítico inglês Guy Brett "Kinetic Art" (1968), que trata da "linguagem do movimento". O conceito que Guy Brett tem de arte cinética não se confunde com a idéia de que é aquilo



Falando das "Droguinhas", Guy Brett diz: "Elas não descrevem nenhum movimento particular, mas são uma contribuição vital para a linguagem do movimento, porque sua fragilidade e energia indicam o espaço como uma colas ativas paço como uma coisa ativa, um campo de possibilida-des".

Em Mira, portanto, o sen-tido das coisas é apenas in-sinuado, sugerido. Fica por conta do espectador buscar conta do espectador puscar a significação, ou simplesmente ficar na expectativa de que esta significação se manifeste, que irrompa subitamente, como um insight. Cabe a ele fazer as aproximações semânticas entre as formas geométricas esboçadas no papel, os traços, linhas, letras, números, sinais matemáticos que ela emprega nos seus desenhos colocada bem junto ao piso, a linha apenas sugere dois planos que ameaçam se tocar, o que só percebemos bem de perto. Há sempre um vazio entre linhas, entre formas, entre signos esinais, entre o branco e o preto, entre fundo e superfície. E ai que Mira trabalha, no espaço entre Nãoobjeto: vazio, silêncio, branco, isto é, o que aínda não tem peso, forma, nome, significado, que é quase isto ou aquilo, que não é ainda. Por isso mesmo, porque Mira lida com quasepalavras ou quase-textos, fez bem a galeria em isolar, no pequeno hall de entrada, a série "Deus-Pai do Ocidente", na qual a artista, fugindo à sua maneira habitual de trabalhar, torna-se descritiva e ilustrativa. A tentativa de armar um discurso sobre o nosso desgastado Ocidente a partir de excertos biblicos acompanhados de ilustrações não deu certo, em se tratando, claro, de Mira, uma artista sempre despojada, econômica, autili.

700

